

# O corpo do tempo

Luciano Mendes

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

*Capítulo I:*

## Tempo de Guarda

“Tudo começa antes. De um gesto a uma guerra, tudo começa antes”, vaticinava meu pai, leitor assíduo das Folhinhas Mariana e do livro de Isaías. Ali, diante do espelho, eu mirava e não me via. O passado me assombrava e as lembranças entorpeciam o inteiro corpo.

— Veja que lindo, filho — dizia o meu velho, e citava — “O lobo conviverá com o cordeiro e o leopardo repousará junto ao cabrito. O bezerro, o leão e o novilho gordo se alimentarão juntos pelo campo; e uma criança os guiará”.

— Deixe de ser bobo, pai. Isso é conversa mole para boi dormir. — Eu reagia do alto da minha ignorância.

— Ah, filho, fala isso não. De que vale a vida se a gente não pode sonhar?

E a vida passara, passava... Passará?, indagava eu.

— Amor, cê não vem não? Tenho uma surpresa para você!

— Gritou a Raquel lá do quarto.

— Já vou amor, só um instante. Estou apenas dando um trato na cabeleira. — Brinquei terminando de vestir, escovar os dentes e alinhar os parcos cabelos da vasta careca.

— Preocupe não, é dos carecas que a gente gosta mais — respondeu ela à altura.

Pensei em sair do banheiro fazendo medidas mas antes que eu iniciasse, fui desarmado pelo que vi: sobre a cama, pétalas de rosa, a Raquel seminua e uma garrafa de vinho sobre a bancada. O tempo e os cuidados foram pródigos com ela. Olhando-a, ninguém diria que tinha 65 anos. Os cabelos ligeiramente acobreados estava jogados para frente, cobrindo os ombros nus e um pouco do colo. Sua pele, já enrugada aqui e ali, expressava um viço de alegria e vontade de viver. Seu sorriso contagiava e tudo nela rerepresentava um convite irrecusável.

— Uê — exclamei eu — alguma data especial?

— Uê, digo eu! É preciso agora alguma data especial para eu cuidar bem do meu velho? Ora pois, não se faça de desentendido e venha me fazer um chamego que estou precisada — disse sorrindo.

Não me fiz de rogado e me juntei a ela. Entre beijos, carícias, boas taças de vinho, cheiros e confidências, passamos boa parte da noite. O bom de envelhecer é que, tendo já vivido, não é preciso ter pressa. O tempo que resta precisa ser curtido, vivido, e não cronometrado.

Acordei de madrugada suando frio e com o coração disparado. Sonhara, como vinha sonhando há dias, que chegara o dia do juízo final e, na prestação de contas, as minhas contas não batiam. E, não havendo tempo para mais nada, eu tentava fugir, mas as pernas cediam. Aterrorizado eu olhava para o outro lado do portão e via o Anselmo. Ele sorria, dava adeus, virava as costas e ia embora.

— Que foi meu amor? Aquele sonho de novo?

— Sim, com variações de cenas, mas o mesmo enredo.

— Você notou que começou a sonhar com isso depois que marcou a conversa com aquela senhora lá do Barro Preto?

— Notei, claro. Mas não sei ainda a que se deve isso. Qual a relação entre este meu sonho e a conversa?

— Ora, ora meu velho! Não seria o bendito do Anselmo?

— Claro, sim... quero dizer, para além desse óbvio.

— Aí já é problema seu com seu analista... ou com sua prestação de contas — disse sorrindo tentando me descontraír.

Aninhado nos braços dela, tentei dormir de novo, mas estava agitado e ansioso. De fato, a conversa com a Maria De Lourdes estava me incomodando e mobilizando em mim sentimentos, lembranças e angústias várias. Levantei e fui para a varanda fumar um cigarro. O dia já amanhecia e a visão que eu tinha, lá longe, da Cidade Industrial, apesar da poluição, era até bonita.

Ali, no silêncio do encontro da noite com o dia, ouvindo o cantar dos últimos galos e de uns poucos carros que passavam, abaixo, na avenida, eu pensava no início daquilo tudo. Na verdade, do início de tudo eu pouco sabia. E era isso, talvez, que me incomodava: queria saber do início daquela história que me enredava em outras histórias, outras gentes, outros tempos, outras paragens. Mas não sabia se uma vez sabendo, eu me tranquilizaria. “Sabereis a verdade, e a verdade vos libertará... Não vim trazer a paz, mas a espada... O saber tem sabor, mas não é necessariamente doce...” Uma profusão de gentes me invadia.

Tudo começara, quer dizer, tudo tivera um novo começo quando, há poucas semanas, Raquel estava organizando umas coisas usadas para doar para o bazar do grupo de senhoras aqui do bairro e encontrou uma caixa de guardados que há tempos estava no guarda-roupa, no fundo do maleiro.

— Rogério, você não acha que está na hora de se desfazer disso não? — disse me passando a caixa empoeirada.

Era uma caixa de sapatos ainda com a etiqueta da Elmo. “Kildare, o sapato da moda!”, anunciava. Outrora fora azul celeste mas, agora, perdera a cor. Guardava papéis, fotografias, lembranças. Guardava angústias. Ao receber a caixa como quem recebe uma intimação de um oficial de justiça, não pude deixar de sentir um ligeiro tremor. “Como assim, desfazer disso?”, pensava eu sem, no entanto, apalavrar meu desagrado.

Peguei a caixa, deixei para trás a presença incômoda e o olhar inquisidor de Raquel e fui bisbilhotar lembranças. Imediatamente, a fotografia do Anselmo me transportou a tempos outros, de uma juventude transviada, pensei e sorri amarelo. Na foto ele estava mais jovem e bonito do que quando eu o conhecera, nos idos de 1978, numa das reuniões do Jornal dos Bairros, ali mesmo na Cidade Industrial.

Na foto ele estava sentado num banco do lado de fora dos muros do barracão em que morava no bairro das Indústrias. Os cabelos grandes e um ligeiro bigode não escondiam uma boca e um par de olhos muito expressivos. A camisa, colorida e aberta até quase o umbigo estava para dentro de uma calça justa até o joelho e que se abria até a barra, que roçava o chão. Estava descaço e olhava com rara tranquilidade para a lente. Era uma das poucas fotos em que ele parecia feliz. No mais, fora só tristeza, pensei eu. Será?

Além das fotografias, tomei em minhas mãos, mais uma vez, o pequeno cordão de couro com um camafeu na ponta. De um lado não havia nada, mas do outro havia uma espécie de inscrição, como se fosse uma marca ou uma miniatura de um brasão de família, daqueles antigos. Peguei-o e olhei mais

uma vez, como já fizera um sem número de vezes desde que ele me chegara às mãos. Observei de perto, de longe, com óculos e sem óculos, na vã esperança de que, agora, ele se revelasse ou me revelasse alguma coisa. Mais uma vez, nada.

Voltei para a sala, agora com o camafeu, peguei o celular e sentei-me ao computador. Estava ali absorto, animado já, escolhendo o melhor ângulo para tirar a fotografia quando a Raquel, com as mãos cheias de roupas usadas, passa em direção à área de serviço dizendo:

— Amor, você bem que podia levar essas... Não me diga que você vai mexer com isso outra vez? Homem de Deus, deixa isso pra lá. Essas lembranças só te trazem, ou melhor, só nos trazem tristezas e...

— Ah! Raquel, não é assim também não. Há lembranças boas aqui também... e ademais foi uma promessa que fiz, que *me* fiz.

— Eu realmente não te entendo. Há tanta vida a se viver e você fica aí, apegado à morte, ao passado.

— Prometo que será a minha última tentativa. Se não conseguir, vou até lá e enterro isso junto com ele. Prometo!

— Você é quem sabe. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é, não é mesmo?

Com um olhar resignado e triste, mas profundamente amoroso e empático com o meu visível sofrimento, ela saiu e continuou a embalar as coisas para o bazar. Eu, de minha parte, continuei ali, absorto e cabisbaixo, na esperança de que, desta vez, a minha busca tivesse melhor resultado.

Tirei algumas fotos do camafeu tentando aumentar o máximo possível a imagem de modo a ver os detalhes que estavam nele gravados. Postei no meu perfil do Facebook, enviei

para alguns conhecidos, entrei em contato com alguns pesquisadores e diletantes de genealogia e heráldica familiar que eu conhecera em minhas buscas passadas. O retorno de alguns, o silêncio de outros, as notícias recebidas me davam conta menos daquilo que eu buscava, e muito mais de que, em quase 20 anos, boa parte daqueles pessoas havia morrido. De novo, a morte... e o tempo que resta.

Minha indagação para as pessoas era se conheciam alguma coisa parecida com aquele desenho, se soava familiar a alguém. Fosse eu um pescador, eu diria que havia jogado a isca, e era só esperar se algum peixe, desta vez, iria morder. O problema é que eu detesto pescar, e daquele mato, quer dizer, daquele rio não saía peixe nenhum, constatei desanimado nos dias seguintes. Ansiedade dos primeiros dias dera lugar ao desânimo, à frustração e a uma visível tristeza, aos quais Raquel, sabiamente, respeitava, não sem uma fresta de tristeza nos olhos.

Ao fim de algumas semanas sem nenhuma resposta positiva, e muita amolação de desocupados na internet, eu estava pronto para cumprir a minha promessa à Raquel e enterrar, literalmente, aquele passado que insistia em habitar-me. Foi num destes dias que, já de madrugada, vi que havia chegado, no Facebook, já há alguns dias, uma mensagem de uma pessoa desconhecida.

“Prezado senhor Rogério, boa noite! Vi as fotografias que o senhor postou em sua página e gostaria de falar com o senhor sobre a imagem do camafeu que elas trazem. Será que o senhor poderia me enviar uma mensagem pelo WhatsApp ou me ligar, por gentileza? Ou, se o senhor preferir, me mande aqui o seu número que eu entro em contato. Obrigada. Maria de Lourdes”.

*Capítulo II:*  
**Amores difíceis**

Confesso que não foi sem sofrimento que blinei mais uma vez naquela velha caixa de sapato e a entreguei ao Rogério. Ela e seus guardados trazem lembranças dolorosas para ele, e para mim. O pior é que ele não sabe que eu sei as razões de sua recusa em se desfazer do passado, ainda que isto lhe custe muito um desfazimento de si mesmo. Me lembra assim um desenho em construção em que o desenhista volta sempre ao mesmo ponto, apaga, tenta fazer outro traço e um novo traçado, mas volta sempre à mesma imagem anterior. Uma espécie de transe num sonho só, sei lá.

A primeira vez que vi o Anselmo foi logo depois que conheci o Rogério. Acho que era finalzinho de 1978 e estávamos num barzinho lá no bairro Amazonas. Àquela altura eu já estava apaixonada pelo Rogério, que era não apenas um homem lindo, com um corpo escultural e uma bundinha avantajada, que dava vontade de pegar a toda hora. Era inteligente e perspicaz. E, além do mais, era um dos poucos da turma que não fazia descaso da participação das meninas, como eu, no movimento e, ainda, sabia cozinhar, lavar e passar.



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

---

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2023.

---